

Director: Vítor Manuel
Comes Rafael, OFM

Ano LXXVIII . N.º 323
dezembro de 2015
Preço: 0,50€

Missões

PAZ E BEM

FRANCISCANAS

MENSÁRIO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO MISSIONÁRIA

Natividade com doadores e os Santos Jerónimo e Leonardo, Gerard David (1455-1523)

A caminho...

Começar de novo, amar com Cristo e por amor a Cristo.

Texto: Frei Álvaro Cruz da Silva, OFM

“Como estamos longe do tempo de Deus, e do que o criador pensou para nós!”

Segundo o Evangelho que andamos a ler neste tempo de Advento e Natal, José subiu da Galileia à Judeia, à cidade de Belém, com Maria sua esposa, que estava grávida, e aí nasceu Jesus, o Salvador do mundo! Deus veio ao mundo, caminhou nos caminhos dos pobres, dos últimos,

dos refugiados. Poucos anos depois, a mesma família, para defender o seu filho da maldade de governantes sem escrúpulos, parte para o Egito. Um novo caminho, novos sacrifícios, a necessidade de voltar a aprender outra língua, outros costumes e a procurar adaptar-se à forma de vida num país estrangeiro.

Jesus e a Sagrada Família viveram refugiados em terra estrangeira. Privados do convívio com os seus familiares próximos, com os seus amigos e dos bens que com sacrifício tinham reunido na sua terra de origem. Tudo pela incúria de políticos desonestos, que só pensam em si, na sua riqueza pessoal (tantas vezes conseguida porque roubaram o pão da boca dos famintos e sugaram as poupanças dos pobres). Já crescido e adulto, Jesus, Filho de Deus, que tinha nascido em Belém de Judá, calcorreia os caminhos dos homens para os ensinar a amar e a perdoar, a dar as mãos e a viver com laços de familiaridade fraterna.

Hoje o nosso Natal é celebrado com milhares de refugiados nas ruas e

praças da Europa. Muitos morreram nas águas do mar Mediterrâneo e do mar Egeu, e não viram os frutos dos sacrifícios que fizeram para chegar à Europa espoliada dos seus princípios fundantes. O Natal é o tempo de estreitarmos os laços do calor humano. Mesmo os ateus, nesta época, desejam colocar em primeiro lugar e preservar o espaço das suas famílias. Mas a familiaridade desapareceu quer das leis europeias, quer das atitudes das nossas autoridades nacionais.

O perdão não sai do papel dos acordos frágeis, que muitas vezes ficam por assinar pelos grandes das nações, e, quando são assinados, rapidamente são esquecidos e rasgados. **O perdão que Jesus veio anunciar foi erradicado das preocupações e dos objetivos dos homens que hoje detêm o poder. A fraternidade pregada por Jesus, o Filho de Deus, não existe na mente dos que hoje têm a casa aquecida e a mesa farta.** Se ainda há quem, entre os poderosos, nestes dias se lembra dos pobres, é

por pouco tempo. Quando chegar ao fim de janeiro e os enfeites de Natal se guardarem, guarda-se também no esquecimento e no egoísmo a preocupação pelos pobres. Os pobres e as suas necessidades que esperem até ao próximo Natal.

As mãos já não se dão, porque os pobres não usam *body milk*, até podem cheirar mal e ser portadores de doenças facilmente transmissíveis. Por tudo isto as mãos já não se dão, as distâncias entre as pessoas aumenta, chegando a ter a dimensão dos abismos intransponíveis.

O verdadeiro Amor escasseia, o seu genuíno significado transformou-se e anacronicamente passou a chamar-se «amor» a momentos de puro egoísmo. Como estamos longe do tempo de Deus, e do que o Criador pensou para nós! Como estamos longe do clima de paz e fraternidade do primeiro Natal! Começemos nós de novo, amemos como Cristo e por Amor a Cristo que veio ao nosso mundo para nos ensinar a AMAR! ●

Editorial



Texto: Frei Vítor Rafael, OFM

Este mês vamos dar início ao ano da Misericórdia. O Papa Francisco escrevia assim na Bola de proclamação do Jubileu:

«Escolhi a data de 8 de Dezembro, porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecuménico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento. Começava então, para ela, um percurso novo da sua história. Os Padres, reunidos no Concílio, tinham sentido forte, como um verdadeiro sopro do Espírito, a exigência de falar de Deus aos homens do seu tempo de modo mais compreensível. Derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos de testemunharem, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé. A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai».

Dezembro é também mês do Natal. Somos convidados a abrir o coração e oferecer presentes a Jesus. Um dos maiores presentes que podemos dar a Cristo é a nossa vida como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o culto que lhe devemos prestar, Rm 12:1. Portanto, abramos nossos tesouros, nossos corações e apresentemos ao Senhor Jesus nossas dádivas. Ele merece. É Natal! Ele nasceu em nossas vidas!

Nas missões ao cuidado dos franciscanos, num trabalho incessante e inacabado, e muitas vezes em situações de risco, permanecem tantos missionários que este Natal esperam pela nossa oração. «Hoje uma grande luz desceu sobre a Terra!».

BOAS FESTAS E SANTO NATAL

ASSINATURA DO JORNAL M.F.

. Cheque: à ordem de União Missionária Franciscana;
. Transferência Bancária: NIB - 0010 0000 2614049000117 - BPI (enviar comprovativo de pagamento e n.º de assinante).

Um olhar sobre a Missão

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária.

Texto: † Manuel Linda

“Como eu vos fiz, fazei vós também”

Mal vai a quem não tem memória. Sejam pessoas, sejam instituições. Seriam semelhantes a árvores sem raízes: nem se alimentam nem se aguentam nas fúrias do inverno. Assim aconteceria com a Igreja. Não se fixa no passado, como quem procura voltar a ele. Mas alimenta-se dele e move-se na direção que ele lhe indica. Sempre em perspectiva de futuro. Por isso, gosta de celebrar, de reatualizar o passado de forma a colher-lhe as implicações para este tempo e para o tempo que se lhe há-de seguir.

Ora, em 2015, em perspectiva de Missão, tem muito a celebrar. Em primeiro lugar, os 50 anos do “Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja”, o “*Ad gentes*”, do Vaticano II. Foi aprovado a 7/12/1965, na véspera do solene encerramento do Concílio. Recolhe o melhor da

demorada reflexão que os Padres foram fazendo sobre a essência da Igreja e o seu dever de ir ao mundo para lhe propor a salvação integral que é Jesus Cristo.

Sim, o documento começa precisamente desta forma: “A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser «sacramento universal de salvação»...”. Repare-se: não se diz que a Igreja deve abrir a porta às pessoas que a ela batam. Mas manda-se à Igreja abrir a porta para ser ela a sair ao encontro das pessoas. Para ir aos povos e grupos humanos ainda não tocados pelo testemunho cristão e pela palavra do Evangelho. E o documento diz mais: que esta tarefa não tem limites de tempo; que tem de chegar aos confins da terra; e que diz respeito a todos os batizados. E no n.º 2, insiste: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária”. Não é isto o que, cinquenta anos depois, nos anda a pregar o Papa Francisco? Talvez por causa desta enorme modernidade é que o Decreto *Ad gentes* foi, entre todos os documentos do Concílio, aquele que mais votos recebeu.

A partir do Concílio, a natureza missionária da Igreja tem sido ressaltada em muitos outros documentos. Lembro três que, este ano, comemoram especiais aniversários.

Um é a célebre “Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo”, “*Evangelii nuntiandi*”, de Paulo VI (8/12/1975). Tão grande e tão atual que o Papa Francisco continuamente se reporta a ela. Este documento volta a insistir: “A tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja” (n.º 14).

Mais tarde, a 7/12/1990, São João Paulo II publicava a encíclica “*Redemptoris missio*”, sobre a “Validade Permanente do Mandato Missionário”, que alerta: “A missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento” (n.º 1). E não se poderia esquecer a Carta Pastoral dos Bispos portugueses, “«Como eu vos fiz, fazei vós também». Para um rosto missionário da Igreja em Portugal” (17/06/2010). Esta assegura: “O ícone missionário por excelência é a figura do Bom Pastor [...] que vai à procura de todos e de cada um com paixão” (n.º 6).

Igreja que estás em Portugal, que mais é preciso dizer para te convencer que só és verdadeiramente Igreja se fores missionária? ●

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: União Missionária Franciscana
Diretor e Chefe de Redação: Vítor Manuel Gomes Rafael, OFM

Redação e Administração: Apartado 1021 - 2401-801 LEIRIA
Telefone: 244 839 904/6 Fax: 244 839 905
E-mail: umfprocnac@gmail.com
Site: www.uniao-missionaria-franciscana.org

Projeto Gráfico: www.incentea-mi.pt
Paginação: inCentea Marketing e Inovação

Colaborações: Adriana Palmela, Frei Álvaro Cruz Santos Silva, Helena Espírito Santo, Isabel de Castro, Fr. José Lima, Liliana Carvalho, Madalena Abreu, Sérgio Fonseca.

Impressão: Jorge Fernandes LDA.
Quinta do Conde de Mascarenhas, n.º 9
2825-259 Charneca da Caparica

Tiragem: 8000 exemplares

Depósito Legal n.º 60342/92
Registo de Imprensa n.º 102581
Contribuinte n.º 501 188 207

Assinatura Anual 5,50€
Assinatura Beneficentia 10,00€
Avulso 0,50€

Membro da:



DESAFIOS DO PAPA FRANCISCO AOS CONSAGRADOS E CONSAGRADAS

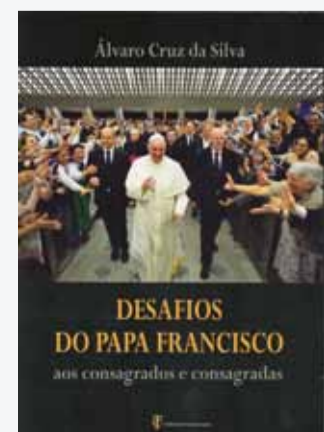
Neste seu novo livro, o Frei Álvaro Silva, missionário franciscano, apresenta um interessante estudo bíblico sobre o Discipulado, Seguimento e Missão nos Evangelhos em confronto com alguns dos atuais desafios que o Papa Francisco lança hoje aos Consagrados e Consagradas. A poucos meses do fim do Ano da Vida Consagrada, a Editorial Franciscana lança este seu novo livro. Esta obra do Frei Álvaro Silva pretende ser um contributo na área do pensamento e da reflexão franciscana, à Teologia da Vida Religiosa nos nossos dias. O livro já está à venda nas cidades de Coimbra, Porto, Braga, Lisboa, Fátima e Faro. Pode também ser pedido para:

Editorial Franciscana

Apartado 1217
Montariol
4711-856 Braga
Tel. 253 253 490 / Fax 253 619 735

Livraria Franciscana
Rua de Cedofeita, 350
4950-174 Porto
Tel. 222 052 148

Delegação da Editorial Franciscana
Largo da Luz, 11
1600-498 Lisboa
Tel. 217 140 706 / Fax 217 144 793



De 15 a 17

Uma releitura 'livre' da Mensagem de Fátima (VII)

Texto: Frei Álvaro Cruz da Silva, OFM

“Era uma alma eleita, escolhida por Deus para sofrer pelos males do mundo.”

Jacinta Marto
(11 de março de 1910 – 20 de fevereiro de 1920)

Chegámos ao mês de dezembro, este é já o sétimo artigo que o Missões Franciscanas publica e que nos vai encaminhando para as celebrações do primeiro centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. «15 a 17», isto é, um conjunto de notas e de acontecimentos ocorridos há 100 anos, e que hoje recordamos para mais facilmente afervorarmos os conteúdos da vida dos pastorinhos e da Mensagem de Fátima. Vamos entrar no ano de 2016 e have-

mos de continuar esta rubrica para que, quando chegar o ano de 2017, também os nossos leitores tenham feito um caminho simples, mas elucidativo, da Mensagem de Fátima. Terminamos o ano de 2015 com uma referência à Jacintinha. As Irmãs Clarissas guardam no Mosteiro do Imaculado Coração de Maria, à Estrela, em Lisboa, o quarto de cama onde a Jacinta Marto adormeceu para o Céu. Uma menina que morre aos dez anos de idade, mas teve a dita de conhecer as coisas de Deus e de nelas meditar com a sabedoria dos anciãos. Na expressão de Lúcia, sua prima, «a Jacinta era criança, mas só na idade». Conta-se que uma mulher das vizinhanças, certo dia, ofendeu por palavras os Pastorinhos. Jacinta não se conteve e reagiu fortemente contra a mulher, o que lhe terá custado uma valente bofetada, vinda das mãos grossas daquela aldeã. Em vista disto, volta-se para a Lúcia e para o Francisco e diz-lhe em tom calmo e sapiencial: «Temos que pedir a Nossa Senhora por ela; se não se confessa, vai com certeza para o Inferno».

Era uma alma eleita, escolhida por Deus para sofrer pelos males do mundo. E era ao mesmo tempo uma menina muito bonita, por fora e por dentro. Na sua vida sempre manifestou a bondade que nós os mortais

atribuímos aos anjos do Céu. Sendo a mais nova dos três Pastorinhos, só depois de completar os seis anos de idade se juntou à prima Lúcia e ao irmão Francisco para com eles ir também guardar os rebanhos da família.

A sua personalidade forte, às vezes até áspera para a sua idade, foi-se moldando com o tempo, e aquilo que a princípio parecia ser um óbice a uma forma de vida santa, foi aproveitado como raiz de uma vida cristã, marcada pelos dons do Espírito Santo, como o dom da fortaleza, da fé e das demais virtudes heroicas, a ponto de ter dito em horas de provação, como cristãos dos primeiros tempos, frases do género: «Ó meu Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre, e em reparação dos pecados cometidos contra o Coração Imaculado de Maria. Por todas as intenções, ofereço-Vos o meu sofrimento... a minha vida».

No seu temperamento encontrava energia para si e para dar à sua prima Lúcia, nos embates com as autoridades civis e religiosas. A sua determinação dava-lhe força para «sofrer por amor a Deus e pela conversão dos pecadores» e perante as ameaças de morte proferidas pelos emissários do Administrador de Vila Nova

de Ourém, exultou de alegria e terá mesmo respondido: «Mas que bom!... Eu gosto muito de Nosso Senhor e de Nossa Senhora. Se nos matarem, vamos mais depressa vê-los no Céu para sempre». O que ela queria era voar para o Céu, como se fosse um anjo. Muitos dos que com ela convíviam reconheciam facilmente no seu ser e no seu agir uma maturidade pouco comum para a sua idade, e o 'ir para o Céu' era como que o desejo de alguém que já fez tudo o que tinha a fazer aqui na terra, um adulto que sente terminada a sua missão terrena e deseja ir para viver em Deus.

Dois pensamentos ocupam em pleno a mente da pequena Jacinta: “o amor a Jesus” e a “conversão dos pecadores”, ambos constituem o centro daquilo que com o tempo se denominou “a Mensagem de Fátima”. Muitas vezes, à maneira de jaculatórias, repetia em voz alta: “Ó meu Jesus, é por Vosso amor e pela conversão dos pecadores”. Certamente Jacinta não saberia refletir nem explicar com precisão o que seria o ‘desagravo’, nem a ‘reparação’, mas praticava constantemente estas atitudes na sua vida de criança. Amar Jesus, pelos que O não amavam e ofendiam, e rezar pela conversão dos pecadores era a sua constante preocupação. E continua a ser hoje a nossa preocupação também. ●

UNIÃO MISSIONÁRIA FRANCISCANA - COIMBRA

Texto: Frei Álvaro Silva, OFM

A Procuradoria local da União Missionária Franciscana, em Coimbra, levou a cabo, no passado dia 18 de outubro (Dia Missionário Mundial), uma ampla ação de animação missionária que atingiu perto de mil pessoas, que afluíram às cinco missas dominicais celebradas na nossa igreja. Nesta ação de animação missionária também foi difundida a imprensa missionária franciscana.

A generosidade dos cristãos que celebram a fé na nossa igreja (Av. Dias da Silva - Coimbra) foi mais uma vez incedível. Contámos com a presença do Diácono Permanente, Frei Paulo Duarte, OFM, que, nas diferentes celebrações da Eucaristia, dirigiu aos cristãos durante as homilias a sua

palavra, marcada pela vivência de 31 anos de serviço à Igreja da Guiné-Bissau.

Na Guiné-Bissau, Frei Paulo Duarte ocupou cargos de elevada responsabilidade, quer a nível da Diocese, quer a nível dos franciscanos naquele país da África Ocidental.

A sua vida naquelas terras de missão teve, desde sempre, uma enorme dinâmica pastoral. Destacamos as suas responsabilidades na Pastoral Vocacional da Diocese, junto dos adolescentes da Catedral, em diversos grupos da Legião de Maria, etc.

Nos últimos anos foi diretor da Escola José António de Sousa, no centro de Bissau.

A nível dos franciscanos, foi Guardiã, Conselheiro da Custódia, Secretário e Económico custodial.

Agora, que regressou a Portugal, trabalha na secretaria da Província Portuguesa da Ordem. ●



Varatojo celebra “dia missionário”

Amigos das missões reuniram-se no convento de Varatojo no dia 25 de outubro

Texto: Frei Marques de Castro

“E temos de ser nós (...) a ser portadores dessa luz aos que se encontram nas trevas”

Na Igreja, outubro é conhecido pelo nome de “Mês Missionário”. Não somente os diversos Institutos Missionários são convidados a redobrar esforços no sentido de intensificar a dinâmica missionária entre os seus colaboradores, como os demais movimentos paroquiais devem unir as mãos nesta tarefa que é de todos. Para isso, desde alguns anos a esta parte, as Obras Missionárias Pontifícias vêm publicando o “Guião Missionário”, com achegas de reflexão para os diversos dias do mês. Para isso, tal como em anos anteriores, o Papa enviou mensagem apropriada para o 89.º Dia Mundial das Missões”, celebrado no 3.º domingo desse mês. A Procuradoria da “União Missionária Franciscana” de Varatojo não

poderia ficar alheia a esta realidade eclesial. Não podendo realizar a “Festa” no próprio dia, adiou-a para o domingo seguinte (25 de outubro). No secular Convento de Varatojo, nesse domingo, reuniu-se um bom grupo de “amigos das Missões”, particularmente ligados aos Missionários Franciscanos, mas sem esquecer muitos outros empenhados também eles em levar a Boa Nova do Evangelho ao perto e ao longe.

Pelas 10h15, houve um momento de reflexão no Salão do Convento, orientado pelo responsável local da UMF, Fr. António Castro, e pelo responsável a nível nacional do mesmo movimento, Fr. Vítor Rafael. Através da imagem, lembraram-se momentos vividos por alguns dos presentes que participaram recentemente em peregrinações organizadas por terras de Marrocos (impressionantes algumas imagens colhidas nas comunidades franciscanas) e Jordânia. E apontaram-se locais para possíveis Peregrinações em 2016.

De seguida, na igreja do Convento, foi a celebração da Eucaristia, na qual foram lembrados tantos arautos que espalharam a semente do reino, ao perto e ao longe. E recordaram-se também muitos outros que hoje continuam nesta tarefa difícil de serem “luz do mundo” num ambiente por vezes tão paganizado e hostil. À semelhança do cego de Jericó, de que nos falava o evangelho nesse domingo, continua a haver muitos a gritar: “Senhor, fazei que eu veja!”. E temos de ser nós, que já fomos “ilumi-

nados”, a ser portadores dessa luz aos que se encontram nas trevas.

Porque a Festa não era somente para viver em clima de reflexão e oração, seguiu-se o momento de Convívio. Aconteceu nos claustros conventuais. Apesar das ameaças de chuviscos, que praticamente não passaram de isso mesmo, criou-se um ambiente de festa, em animada confraternização, saboreando apetitosa refeição, confeccionada no Convento e servida por um grupo de simpáticos colaboradores das Missões. Alguns dos artigos confeccionados foram até oferta de pessoas presentes no evento. E, como vem sucedendo desde há anos, a D. Maria do Espírito Santo não se

esqueceu de enviar o saboroso Bolo do “Encontro Missionário” que, partido aos bocadinhos, chegou para todos e ainda sobrou...

E não faltaram as castanhas, que já fazem parte da “ementa” e que foram saboreadas também por outros que entretanto iam chegando e que não puderam participar na Festa a tempo pleno.

O responsável local da União Missionária Franciscana não pode deixar de agradecer particularmente a todos aqueles que fizeram suas ofertas, se sacrificaram ou mais diretamente contribuíram para que este dia tivesse o brilho desejado. ●



PEREGRINAÇÕES 2016

A pedido de um grupo de colaboradores e benfeitores das Missões Franciscanas, a União Missionária Franciscana tem programadas 3 viagens/peregrinações para o ano 2016:

LOURDES E SANTUÁRIOS DE ESPANHA

Peregrinação a Lourdes e aos Santuários de Espanha: além de Lourdes, Zaragoza (Virgem do Pilar), Ávila (Santo Inácio de Loyola) e Alba de Tormes (Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz).

De 23 a 27 de maio de 2016 (autocarro).

CRUZEIRO PELOS FIORES DA NORUEGA

Cruzeiro pelos Fiores da Noruega: Copenhaga, Cascata Hellesyl, Warnemun-

de, Bergen.

De 24 de junho a 2 de julho de 2016 (avião e barco).

ROMA, ASSIS E MALTA

Roma, Assis e Malta: Assis, Roma (audiência papal), La Valleta, Catedral de São



Paulo, Forte S. Ângelo, Ilha Gozo.

De 5 a 12 de setembro (avião).

Desejamos desta maneira proporcionar a muitos outros amigos a possibilidade de se juntarem a esta grande «Família Missionária».



Informações e Inscrições:

União Missionária Franciscana - Leiria
(Frei Vítor Rafael)
Tel. 244 839 904

Convento de Varatojo/Torres Vedras
(Frei António Marques de Castro)
Tel. 938 467 160 ●



A UMF chegou à Jordânia

Peregrinação teve lugar de 6 a 13 de outubro (I)

Texto: Celme Pedreiro

“Do outro lado da rua, uma Igreja cristã, prova da tolerância religiosa da Jordânia”

A União Missionária Franciscana propôs e 33 participantes (organizadores, colaboradores e amigos) aderiram à peregrinação que, de 6 a 13 de outubro, nos levou até terras jordanas. Os dias que aí permanecemos foram de facto de muitos passos e algumas caminhadas, em múltiplas viagens no espaço e no tempo, a fazerem-nos recuar milénios sem perdermos a realidade presente. E, sobretudo, vivendo a possibilidade de nos sentirmos a pisar lugares que muito nos dizem como cristãos, porque locais de Jesus.

Teríamos até começado a nossa peregrinação da melhor maneira, não fosse aquela chuva arreliadora que nos estragou parte dos planos. Em Um Qais, a antiga Gadara, uma das dez cidades da Decápole habitada

sucessivamente por gregos, romanos, bizantinos, omíadas, mamelucos e turcos otomanos, mal vimos algumas ruínas. E do que é também um local bíblico visitado por Jesus, que aí fez o milagre de libertar o possesso de Gerasa, deixando os demónios entrar numa vara de porcos que se precipitou no lago (Lc 8, 26-39), com tempo claro, teríamos visto o Lago Tiberíades (Mar da Galileia) e o vale do Jordão. Mas estivemos lá e a leitura da passagem bíblica feita ali, ainda que já no autocarro, teve significado particular: leitor e ouvintes situavam-se no próprio local onde os acontecimentos narrados ocorreram, a uma distância temporal de mais de dois mil anos.

A tarde, já com outra cara, levou-nos a Jerash, (antiga Gerasa), “a cidade das mil colunas”, uma das mais importantes da Decápole, centro comercial de relevo situado no cruzamento das rotas comerciais, marco histórico para gregos, romanos, bizantinos e árabes, até ao presente. Fizemos muito caminho entre as ruínas do que é hoje uma das cidades romanas mais bem preservadas do mundo e vimos também presença cristã no que resta de três Igrejas Bizantinas, com piso em mosaico (Cosme e Damião, S. João Baptista e S. Jorge), construídas no séc. VI, para além da de S. Teodoro e de uma catedral do séc. IV. No Teatro do Sul, cujo sistema acústico comprovámos, fomos presenteados com um pequeno espetáculo musical, que alguns dos nossos abrilhantaram com coreografia própria, num intercâmbio cultural espontâneo.

Os Castelos do deserto, na zona oriental, foram outro ponto de interesse. Mais marcos históricos de diferentes civilizações, com feições e funções distintas, desde alojar os convidados do Califa nas expedições de caça, a dar assistência a caravanas na rota comercial e de peregrinação. Destaque para um com estrutura de fortaleza e talvez um dos hotéis mais antigos do período muçulmano, e para o palacete de um Califa, em forma de balneário romano e com frescos com desenhos únicos na arte islâmica, Património da Humanidade.

Amã do presente, capital espraiada por sete colinas, conhecemo-la em visita panorâmica: bairros habitacionais e comerciais, construções e espaços mais modernos, zona das embaixadas com a sua apertada segurança. A visita à Cidadela dos Amonitas, que atravessou todas as civilizações desde a Idade da Pedra à nossa

era, fez-nos dar um salto de gigante ao passado, na deambulação entre as ruínas completada com a visita ao Museu Arqueológico. O Anfiteatro romano, a Praça do Fórum e o Odeon localizam-se no centro da atual Amã, numa harmoniosa ligação passado/presente. O palácio do Califa, do período islâmico, em forma de cruz, atesta que terá sido erguido sobre um templo bizantino. O “mergulho” mais profundo na atual civilização local iríamos tê-lo na visita à Grande Mesquita de Hussein, todos descalços e as mulheres só com o rosto descoberto. Do outro lado da rua, uma Igreja cristã, prova da tolerância religiosa da Jordânia, acentuou Hussam, o guia local.

No dia seguinte rumámos a Betânia, até às margens do Jordão... ●



RESPONSÁVEIS DA UMF ENCONTRAM-SE EM LEIRIA

Texto: MF

Na sede da Procuradoria Nacional da União Missionária Franciscana, reuniu no passado dia 9 de novembro a quase totalidade dos responsáveis em Portugal deste movimento ao serviço da Igreja missionária. Momento importante para tomarem consciência do muito que se tem feito neste setor da evangelização missionária e apontar pistas para o futuro, na fidelidade ao muito que a UMF tem realizado desde que se implantou em Portugal no ano de 1923, sempre com os olhos postos na evangelização missionária.

Veio de Roma o nosso confrade Frei Luiz Gallardo, responsável Geral das Missões e

natural do Equador. Falou-nos sobre as diretrizes do Documento Final do Capítulo Geral da Ordem de 2015. «Para as periferias com a alegria do Evangelho». Anima-nos a sair do lugar onde nos encontramos, para levar a boa notícia àqueles que precisam, mais do que nunca, da alegria que vem do Evangelho de Jesus Cristo. Assim, somos chamados a seguir os apelos do Espírito Santo, para que tudo o que pensamos e sonhamos se torne realidade em cada uma das nossas entidades franciscanas e sejamos capazes de transmitir o amor e a misericórdia de Deus através das nossas vidas.

Foi ocasião também para cada um dos presentes dar conta de realizações, alegrias e algumas dificuldades nas áreas confiadas a cada um dos responsáveis, sempre com

o objetivo de atingir o ideal. Neste sentido traçaram-se algumas linhas de rumo, sem-

pre na esperança de melhorar cada vez mais o que se tem feito. ●



A menina da água benta

«Água de Deus»

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

Após uma pregação, fui convidado por um casal amigo, padrinhos de uma menina de treze anos que os acompanhava, a tomar um lanche numa freguesia a alguns quilómetros dali.

- Eu vou com o Sr. Padre Lima! – disse a menina.
- Então vamos as duas, afilhada! – disse também a madrinha.
- Vou só eu, porque tenho uma coisa para falar com o Sr. Padre Lima!
- Então vai, mas se é para te confessares confessa-te bem! – disse a madrinha.
- Que se passa, miúda? – perguntei-lhe, já em viagem.
- Trago aqui esta garrafinha que vai ser «Água de Deus!»
- Essa é boa! «Água de Deus»?!
- Sim, Sr. Padre Lima, depois de ma benzer vai ser «Água de Deus!»
- E precisa ser segredo para que escondas à madrinha?!
- É para uma coisa boa, Sr. Padre, não se preocupe!
- Mais uma razão para não ser segredo, rapariga! Para que a queres?
- É para ajudar o meu pai!
- É para ele beber?!

- Não, Sr. Padre, é para outra coisa!
- E não posso saber para quê?!
- Vá lá, Sr. Padre Lima!
- Ok, miúda, está bem, não te aflijas! E lá benzi a água à moça.
- Deus lhe pague, Sr. Padre, pela «Água de Deus», é segredo nosso!
- Está bem, rapariga, é segredo nosso! Olha o que vais fazer com a Água Benta, é «Água de Deus!» – alertei.
- Depois de estacionarmos as viaturas, e já todos a caminho do café, onde íamos lanchar, a menina aproximou-se da madrinha, que estava a beber água de uma garrafa que levava consigo, e fez-lhe um pedido que originou uma conversa muito interessante entre as duas, na qual descobri a verdadeira razão da miúda querer que lhe benzesse aquela garrafinha de água.
- Madrinha, tenho sede!
- Tens sede? Olha, bebe a água que trazes na tua garrafa!
- Não posso beber da sua, madrinha?
- E porque não bebes tu da tua?!
- Está fechada, madrinha!
- Está fechada?! Abre-a, ou estás à espera que o faça eu?! Não seja por isso, rapariga!
- Madrinha, eu não posso beber esta água!
- Então porquê, afilhada?!

- Não posso, madrinha, já tem outro destino!
- Ó rapariga, estamos a chegar ao café e lá te compro outra, dá-ma cá que eu abro-ta e vais bebendo dessa.
- Não, madrinha, esta não!
- É caso para perguntar que segredo é esse que ficou entre ti e o Sr. Padre Lima, para que nem possas beber dessa água!
- Madrinha, não digo nada que é mesmo segredo nosso.
- Está bem, rapariga, não estou a perceber nada mas pronto, fica lá sossegada que ninguém te toca nessa água e não faltam garrafas à venda!
- Alguns meses depois, num outro dia de festa a menina perguntou à Madrinha se eu poderia benzer outra garrafa de água.
- Ó moça, outra garrafa?! Para que queres a água benzida?
- Madrinha, quando o Sr. Padre Lima foi fazer aquele sermão, benzeu-me uma garrafa de água.
- Mas eu não lhe vi benzer água nenhuma, criatura!
- Pois não, madrinha, que nesse dia, quando convidamos o Sr. Padre Lima a lanchar connosco, tu foste no carro do padrinho e eu fui no carro do Sr. Padre, atrás de vocês, não te lembrás?

- Oh miúda, não me digas que era esse o vosso segredo!
- Era, madrinha!
- Que grande segredo, rapariga! Adiantou muito pedires ao Padre Lima para o guardar, se tu mesmo o revelaste! Agora me recordo porque não querias beber da água da tua garrafa, era Água Benta!
- Pois era, madrinha! «Água de Deus»!
- Dá-te para cada uma, rapariga! «Água de Deus?!» E para que foi a Água Benta?
- Para benzer, todos os dias, o quarto dos meus pais e a nossa casa, sem eles saberem, e o pai andou tão bem daquela cabecinha que eu estava feliz por o ver atinadinho, pois ele é muito complicado madrinha. Mas a Água Benta acabou.
- A madrinha acedeu ao pedido, falou comigo e tudo se resolveu.
- E lá continua a miúda a benzer a casa e o quarto dos pais, acreditando no poder desta «Água de Deus», como ela lhe chama, que, afinal, **representa o poder de Jesus Cristo sobre o mal e, de forma particular, o poder de Jesus Cristo em levar à sua casa e ao coração do seu pai uma atmosfera de equilíbrio e de paz.** ●

DIÁRIO DA MISSÃO HUMANITÁRIA NA GUINÉ BISSAU (IV)

Texto: Frei Joaquim Augusto, OFM

No sétimo dia de Missão o corpo começa a acusar o desgaste, fruto das poucas horas de sono (em média são 3 a 4 horas por noite), do intenso calor, do elevado índice de humidade, do sobe e desce escadas, do entra e sai das viaturas, do carrega e descarrega caixotes, dos vários quilómetros percorridos por estradas em péssimas condições, das reuniões institucionais, da alimentação fora de horas (e forte em condimentos pouco habituais... para nós), do stresse de atingirmos todos os objetivos a que nos propusemos e, claro, da saudade dos nossos familiares e amigos que, mesmo a milhares de quilómetros de distância, lembram-se sempre de nós e encorajam-nos através do envio de mensagens ou telefonemas!

Esta é uma Missão Humanitária feita por várias centenas de pessoas, sendo que nós somos apenas o rosto que deixou a sua zona de conforto para vir garantir que os contentores fossem desalfandegados e o

material bem distribuído.

Na terça-feira tivemos dia livre, depois de sairmos da Casa dos Franciscanos, fizemos uma paragem técnica numa estação de serviço para tomarmos um “café Delta”, algo precioso por estas bandas, mas sempre com todos os cuidados... com a água. Nesta matéria, a Sofia Barroso, jovem psicóloga, nunca se esqueceu de nada e pediu à funcionária para utilizar a nossa água engarrafada na própria máquina do café. Todos os cuidados são poucos e, felizmente, ao fim de sete dias, continuamos todos de boa saúde. O frei Joaquim foi visitar, com o frei Jorge, a Missão de Blom de Biombo onde esteve no ano 2004 e os restantes membros da comitiva foram visitar a localidade de Saltinho, uma povoação no Leste da Guiné, com paisagens incríveis e um rio com pedras gigantes, que confere um cenário único e impressionante.

Chegados à Vila de Gâ Mamado, depararam-se com um “lumo”, uma grande feira, com preços baixos que se realiza mesmo no meio da estrada, quase impedindo as viaturas de passarem. Os vendedores estão a menos de dois metros dos jipes e procuram vender tudo e mais alguma coisa. São cerca de 320

km até o Saltinho, mas a estrada, a partir de Mansôa, já tem outras condições.

Chegados a Banbadinca, uma Cidade com grande dimensão, os meus amigos ficaram chocados com a quantidade de lixo espalhado por toda a parte, animais a cruzarem a estrada, trânsito caótico, enfim, uma grande confusão. São centenas de pessoas a caminhar pela berma das estradas e a passar mesmo à frente dos carros... juntamente com motas, camiões, bicicletas e crianças a correr!

Ao atravessar esta cidade, por caminhos alternativos, uma vez que a estrada principal se encontrava cortada, puderam observar as “casas” destas pessoas e as suas atividades, sendo que lhes saltou à vista a quantidade de homens que se dedicam à costura. São dezenas de homens, a costurar em máquinas robustas, mas já muito antigas e usadas, fora de portas, junto à estrada.

A paisagem prende todos os elementos da equipa ao rio, a ponte e as pedras gigantes fazem deste local um verdadeiro postal de África, digno das mais belas paisagens do Mundo! Lá em baixo, no rio, crianças a saltar e mergulhar e raparigas a lavarem roupa nos

charcos existentes.

De regresso a casa puderam assistir ao pôr do sol, um momento mágico aqui nas terras Africanas. As tonalidades do horizonte e os cheiros que pairam no ar, misturados com o aroma a caju e manga são coisas que se entranharam em nós para todo o sempre.

À meia noite fomos para o aeroporto de Bissau para embarcar às 3 da madrugada para Casablanca, Marrocos, onde esperamos 5 horas pela ligação para Lisboa. Chegados a Lisboa, mais nove horas de espera até entrarmos no avião que nos levou até ao Porto onde chegamos por volta das 22h30. A calorosa manifestação de acolhimento por parte de amigos e familiares fez-nos esquecer o cansaço desta longa viagem e mostrar a nossa satisfação, alegria e o sorriso de quem viveu dias maravilhosos com o povo Guineense que nos deu mais do que aquilo que nós levamos. Voltamos da Guiné-Bissau com o coração cheio de emoções e de afetos e com o desejo, já escondido no coração, de lá voltar no próximo ano. «Deo Gratias». ●

O presépio do Frei David

A Alegria do Natal (parte I)

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“se assim sentes as coisas, consegues vê-las de uma forma mais além do que as vês”



Sempre que alguém entra pela primeira vez, por alturas do Natal, no refeitório da Fraternidade de Montariol, ao dar de caras com algumas cenas deste tempo litúrgico, primorosamente pintadas pelo padre David, numa frágil esferovite colocada ao longo da parede, e agora salvaguardadas numa tela, para que não se perca este património artístico franciscano, faço a seguinte pergunta, referente à cena dos Reis Magos:

– Consegue ver qual a grande novidade que o padre David introduziu nesta cena bíblica?

Como interpretação geral, surge a resposta: «o Mago do meio é uma mulher!»

– Vem sempre essa interpretação! Lá alguma vez pensei desenhar uma maga?! Não lhe veem o bigode e a

barba num branco de dar nas vistas? – explicava sempre frei David.

Neste contexto, depois de desvendar que a novidade não reside na fisionomia dos reis, mas no facto de os reis estarem a cavalo e não sobre camelos, perguntei ao frade pintor.

– Porquê os Reis a cavalo, padre David?!

– O cavalo, para mim, é o mais elegante dos animais e, por isso, sendo eles Reis, requeriam elegância no transporte!

– Quanto aos Reis, qual é o Gaspar, qual é o Belchior e qual é o Baltazar?

– Olha, pergunta-lhes! Atira uma moeda ao ar e talvez resolvas o problema!

– Mas a moeda só tem duas faces e eles são três!

– Olha, teremos de consultar um mago, às tantas!

– Mas eles já não são Magos?!

– Sim, mas não adivinham! Não fosse a estrela e não davam com o caminho de Belém! – tentou rematar o padre David.

– Bem, mas então quem é quem? – insisti.

– Olha, é à vontade do freguês, homem! Da pintura pode dizer-se o mesmo que se diz da oratória no dizer daquele filósofo francês, Blaise Pascal: «La vraie éloquence se moque de l'éloquence» – disse, num francês perfeito – A eloquência se ri da eloquência, quase não há regras! Portanto, o que Pascal diz da oratória digo-o em relação à pintura. No fundo, é também como dizia o Picasso: «Pinto as coisas como as imagino e não como as vejo» ou, se quiseres, na minha perspectiva pessoal, que vai nesta linha, eu também, nestas pinturas, pinte as coisas como as senti e não como as vi.

– Padre David! Vejo que pôs os pastores olhando para a estrela e a passar pelo Convento Franciscano de Montariol. Esse desvio enorme não faria com que, quando chegassem a Belém, já o Menino tivesse sido crucificado e ouvissem, não o anúncio do Seu nascimento mas o anúncio da Sua Ressurreição? perguntei, sorrindo.

– Essa é boa! É a tua interpretação pessoal, se assim sentes as coisas, consegues vê-las de uma forma mais além do que as vês. Da minha parte apenas quis dar um ar local a isto, nada mais, longe de mim pedir tal sacrifício aos Magos. Olha,

assim como podia ter posto um cachimbo na boca dos Reis Magos e um cigarro na boca dos pastores, homem! – rematou, sorrindo.

– Padre David, olhando agora a cena da Sagrada Família na casa de Nazaré, não lhe parece que a Mãe de Jesus está numa poltrona de luxo e acolchoada, quando eram pobrezi-nhos?

– Coitadita da Senhora! Chamas àquilo luxo?! – respondeu, na hora, colocando momentaneamente um semblante comovido.

– Ou será que os presentes dos Reis Magos, o ouro, o incenso e a mirra, foram um bom remedeio, para a Sagrada Família ter em casa o mínimo de condições, a que qualquer família tem direito? Não acha que foi a providência do Pai do Céu a valer ao seu Filho e à Sua Bendita Mãe? – perguntei, querendo ajudar o padre David a encontrar um motivo para a citada poltrona.

– Não é que Deus tenha facilitado a vida a Maria e a José, que muito tiveram de esgravatar e fazer pela vida para criar o Menino até à idade dos trinta anos. Mas, neste caso, e a levar em conta esta tua leitura, que o Pai foi providente, aí isso foi! Enfim, só o espírito do Natal para nos lembrarmos de tais interpretações! – rematou o frade pintor.

– Então, padre David, para si um feliz Natal!

– E para ti, Frei Lima, bem para todos os leitores do Jornal Missões Franciscanas, também um Santo e Feliz Natal! . ●



Bênção das grávidas

Paróquia de S. Pedro de Vila Real

Texto: Frei José António C. Pereira, OFM

“Juntar futuras mães em cerimónia para pedir a bênção para si e seus filhos ainda por nascer é gesto de esperança”

“A fé que mais me agrada é a esperança.” (Charles Péguy)

É quando os ventos não parecem de feição que mais precisamos de sinais de esperança. É quando as coisas estão menos boas que precisamos de acreditar que tudo pode ser melhor, que é possível sonhar para além. Precisamos de sinais que nos façam mergulhar no futuro.

Juntar futuras mães em cerimónia para pedir a bênção para si e seus filhos ainda por nascer é gesto de esperança, é abertura ao futuro. Ao celebrar assim a vida que se anuncia percebemos que viver não é entrar numa caminhada do nascimento para a morte, mas é antes um contínuo



renascer para a esperança. Onde há uma centelha de vida, diz Claudel, o mundo une-se em adoração e canta e louva o Senhor da criação.

Foi isso o que aconteceu na Paróquia de S. Pedro de Vila Real no domingo, dia 8 de novembro. A sugestão veio da enfermeira Anita, que acompanha muitas grávidas no Centro de Saúde e que sentiu chegado o momento de fazer a proposta que logo foi aceite

por muitas grávidas. Inscreveram-se 33, mas algumas deram baixa ao hospital antes da cerimónia e outras não compareceram por várias razões.

Eram 26, um lindo grupo que ocupou lugar de destaque na igreja de S. Pedro durante a missa da catequese. Depois da homilia subiram para próximo do altar e aí receberam a bênção, as mães e seus filhos a crescer no silêncio. A comunidade acompa-

nhou e louvou a vida a crescer para o futuro. Depois, cada mãe recebeu dos mais pequeninos da catequese uma pequena lembrança, uma miniatura de presépio que anuncia para breve o nascimento de outro Menino, que é a esperança de todo o mundo.

Que Deus seja louvado pela vida que desabrocha, pelas famílias que a acolhem e pela Igreja que a celebra. ●

CAPELA EM HONRA DE SANTO AGOSTINHO

Texto: Ernesto Gove

Magumbela - Moçambique



O Nosso jornal divulgou em números anteriores a construção desta capela e o con-

vite à partilha para ajudar na aquisição das imagens de São Pedro e São Paulo.

A obra finalmente acabada teve uma solene inauguração. Aqui deixamos uma breve partilha que nos chegou.

... E a festa foi deslumbrante! Não se tem memória de tanta afluência de gente provinda de diversas latitudes do nosso País e não só; gente ávida de ver e testemunhar o surgimento de um digno lugar de culto, um lugar de Deus! Há vários meses que Magumbela não recebia um pingão de chuva, por isso os lavradores viam, com tristeza, os seus campos áridos e, não obstante a sua crença por dias melhores, a angústia era grande; as sementes lançadas à terra haviam-se perdido e mesmo a

resistente mandiocqueira já começa a dar sinais de profunda debilidade. A vida se apresentava bastante agreste para a comunidade!

Mas, sem sinais fortes que indicassem a vinda de chuvas, assim que eu acabara de entregar as chaves da Capela a Sua Excelência Reverendíssima D. Adriano Langa, Bispo de Inhambane, na presença de Sua Eminência o Cardeal D. Alexandre Maria Dos Santos, olhamos para o firmamento e vimos que de repente o céu se ia cobrindo de nuvens; nuvens densas que iam transformando o dia em noite. Era noite das 9h00 da manhã! Concluída a fase do descerramento da placa inaugural e corte de fita, e com os crentes já dentro da igreja, começou a chover torrencialmente! Lá

fora, as águas das chuvas iam molhando os campos sedentes enquanto que no interior da Capela, com Sua Reverendíssima o Bispo, proferindo com extraordinária eloquência e clarividência a sua homilia, via-se crentes molhando as suas roupas de incontidas lágrimas por aquela bênção que lhes era dado a testemunhar. “Foi a forma como Deus quis receber a Casa que lhe foi erguida”, estas eram as frases que se ouviam aqui e acolá. Verdade ou não, o facto é que a chuva parou precisamente no momento em que o Bispo dava por terminada a cerimónia! Coisas de Deus...

Com a amizade de sempre, Paz e Bem. ●